A TRIBUNA

Rio Branco, sábado, 30 de abril de 2005

Almanaque Cultural

Na frágua do Muru

Francisco Gregório Filho*

RIO BRANCO EM 1962. HÉLIO MELO



Rio Muru. Saindo do Rio Tarauacá, subindo o Muru de voadeira. Três ou quatro voadeiras cada uma com quatro passageiros mais o timoneiro, aquele que faz o bote voar por sobre as águas. Águas barrentas numa correnteza muito forte. As outras embarcações descendo os rios, carregadas de produtos para o mercado da cidade: bananas (muitas bananas, especialmente a quantidade, com os verdes das cascas refletindo no espelho d' água). Também, agora novo para os meus olhos, as embarcações "currais", transportando animais: bois, cavalos, porcos, carneiros e galinhas. Encontramos várias dessas embarcações vindas das fazendas ribeirinhas, que alteraram as paisagens e o cenário tradicional. Para mim, isso era uma novidade depois de anos de ausência por aquelas paragens. Claro que também avistei alguns barcos transportando as pelas de borracha e as pessoas (que continuam acenando para os que passam). Porém em número bem menor.

Sentado em uma das voadeiras, penso nisso, e lembro do Hélio Melo pintando as cenas da presença humana nos seringais das florestas ribeirinhas. Hoje, que paisagens Hélio Melo estaria imprimindo em seus quadros? Que registro faria dessas imagens, dos rios servindo de leito para passagem de animais, e desse modelo da economia das últimas décadas na região?

Com o exercício de através dos desenhos nos chamar a atenção para a importância de "desnaturalizarmos nossa forma de olhar o mundo" e de nos dizer com freqüência: "olhem, o mundo não é assim, ele está assim." Ora, se assim está, pode ser preservado, pode ser transformado, melhorado ou não.

Fiz essa viagem ao Rio Muru com lembrança inquieta e teimosa das obras artísticas de Hélio Melo, neste abril de 2005. Sempre respondendo com ternura aos acenos daquelas pessoas, refletidas na frágua daquelas águas.

As Varandas do Tarauacá

Subindo o Rio Tarauacá, às margens que guardava em minhas memórias desenhavam as paisagens de uma floresta muito próxima da beira do rio e as casinhas dos seringueiros simples e geralmente de paxiúba.

Hoje, em recente viagem por lá, observei os descampados e a presença de muitos bois e cavalos. Uma imagem no entanto, me chamou a atenção: as novas casas construídas em madeira recuperaram a arquitetura tradicional com as características do pé direito alto e as grandes varandas. Os avarandados frontais e os avarandados laterais. Uma beleza para os olhos e certamente uma confortável moradia.

*Contador de Histórias